

c. l. salvaro

notas e observações in situ: área de

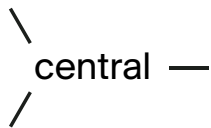
I. Abrupto assim, soando inconcluso, **ÁREA DE** promove uma interrupção e abre um silêncio posterior, que perdura. De algum modo, esse silêncio se incorpora às palavras, cria uma suspensão. Esse silêncio passa a produzir espaço. No intervalo em que se cogitam as múltiplas possibilidades, o título continua em produção: abre-se, interroga, autoriza e envolve o interlocutor. Há ainda um convite implícito, sugere-se uma ocupação.

Qual tratamento é dado ao espaço, portanto, na destinação que o artista propõe, sobretudo operando por procedimentos de desconstrução e desvelamento – tanto material como simbólico – que dão a ver estruturas habitualmente invisíveis e que vão desdobrando a área aos poucos, e multidimensionalmente, ao longo de um caminho ainda a constituir-se, in situ, num labirinto?

Há uma imagem que me parece bastante representativa da postura do artista ao abordar o espaço arquitetônico e negociar com sua dimensão institucional. Diante da sala esvaziada ele segura uma grade de portão e violentamente a empurra na direção da parede até incrustar ali a estrutura. Notamos, ao seu lado, que as investidas anteriores deixaram marcas profundas na parede. Em “plano A plano B”, intervenção realizada em 2011 na galeria Ybakatu Espaço de Arte, C. L. Salvaro recolheu objetos e elementos do imóvel para reagir ao espaço expositivo na escala de sua ação corporal: arremessou objetos ao chão e nas paredes, perfurou portas pelo espaço deixando tijolos e entulhos aparentes e exercitou uma série de outros ataques à arquitetura.

Essa mesma “energia de confronto” com que o artista experimentou o espaço nessa ocasião ganha contornos menos literais, mas não menos incômodos e violentos, quando ele instala uma imensa placa com a palavra “GREVE” na fachada do Museu da Pampulha em 2011 e no pavilhão da Fundação Bienal de São Paulo na SP-Arte em 2014. Há aí um gesto que força, resiste e coloca em teste os limites institucionais. A palavra realiza o efeito crítico de recontextualizar politicamente a instituição museológica (à época o Museu da Pampulha se desgastava em sucessivas mudanças de direção e com o esvaziamento de seu projeto de residência artística) e as relações de trabalho no mundo da arte (ainda mais complexificadas quando trazidas para a escala de um evento comercial como a SP-Arte, a principal feira de arte do país). Assim, para além de refabular a respeito dos limites do white cube, enquanto modelo ideal de exibição, naturalizado e pretensamente neutro, e também para além da crítica institucional oportunista e inócua, de gestos esvaziados que não sustentam a complexidade da questão, as intervenções de C. L. Salvaro instauram situações e dinâmicas qualificadas em que se negociam os sentidos sob permanente tensão. Nas palavras do artista, estes são trabalhos em que seus gestos desejam “refazer o espaço”. Como quando cultivava musgos num vão do prédio do Museu da Fotografia Cidade de Curitiba e torna evidente a inadequação do espaço para abrigar processos e materiais orgânicos, ou quando isola e interfere em cantos da arquitetura para que ali os efeitos do tempo e do mofo se tornem visíveis. É nessa genealogia crítica que se situa o projeto de C. L. Salvaro para o Sesc Palladium.

II. **ÁREA DE** convoca e ativa a consciência da ocupação do espaço. A exposição reúne proposições de C. L. Salvaro desenvolvidas especialmente para a Galeria de Arte GTO do Sesc Palladium. Talvez a abertura que o título projeta corresponda justamente ao espaço ampliado que se pretende oferecer à experiência e à apropriação por parte do visitante. Interessado em produzir desvelamento e rearticulação geral de todo o espaço expositivo, o artista investiga as implicações arquitetônicas, fenomenológicas e simbólicas que sua ocupação crítica pode



c. l. salvaro

notas e observações in situ: área de

evidenciar e provocar neste contexto.

“Refazer o espaço”, no caso específico do Sesc Palladium, significa para C. L. Salvaro ativar situações imprevistas no projeto inicial de implementação da galeria, revelar seus bastidores e zonas de invisibilidade, reestruturar o espaço para a experiência e testar os limites materiais e institucionais que se manifestam na concretude do espaço arquitetônico. Comumente, no Brasil, as instituições culturais devem se adaptar a arquiteturas que não foram originalmente concebidas como espaços para

exposições de arte. Portanto, as reformas que buscam tornar o espaço neutralizado, cômodo e equipado como plataforma expositiva revelam muito daquilo que as instituições definem e valorizam, de como entendem a produção de arte contemporânea, seus interesses de pesquisa e demandas práticas. Este é o campo de negociação onde C. L. Salvaro trabalha. Na ocupação do Sesc Palladium o artista se dedicou ao estudo do espaço e ao mapeamento de suas estruturas expográficas, arquitetônicas, elétricas, de acessibilidade e circulação, atentando exatamente para as diversas soluções, adequações, escolhas de materiais e mobiliários que operaram ali os parâmetros e critérios de transformação da arquitetura numa situação expositiva. Os esforços do artista buscam tanto expor essa dimensão condicionante do espaço como habitá-la, reconhecendo grande potencial experimental de alargamento e questionamento das convenções espaciais.

Eis o repertório de ações a serem realizadas diretamente no espaço expositivo do Sesc Palladium: redirecionar o fluxo e acesso à galeria, interditar a porta principal, desmontar módulos do teto para tornar visíveis as redes elétrica e de tubulação, utilizar estes módulos para construir paredes, escavar as colunas do espaço até deixar à mostra a estrutura original, inutilizar paredes móveis para que as paredes de vidro apareçam, abrir o espaço à luz natural e deixar a paisagem urbana invadi-lo, registrar em vídeo uma ação de quebrar vidros dentro da galeria, projetar vídeo na superfície do vidro para que a imagem se disperse pelo ar de fora, expandir o espaço expositivo, desligar o equipamento de iluminação e manter somente as luzes de serviço, romper e revelar as estruturas que compõem o espaço expositivo como “cenário” para exposições de arte, testar superfícies, ativar o visitante, desconstruir, reconstruir, construir, gerar imprevisibilidade nos resultados.

As intervenções site specific reconfiguram todo o espaço expositivo a partir de seus elementos prévios e normativos, portanto, instaurando um atravessamento crítico do espaço. O artista interdita o acesso principal amontoando o mobiliário de exposição da instituição à porta e, com módulos retirados do teto, constrói um labirinto que enreda o visitante. Ao definir outra circulação pela área, abrindo acessos clandestinos, e ao incorporar as janelas, permitindo a entrada generosa de luz solar no ambiente, o artista nos convida a uma experiência inédita com o espaço. Os gestos poéticos de ambivalência entre construção e desconstrução de C. L. Salvaro revelam estruturas invisíveis e desencantam uma condição pretensamente neutralizada. Assim, reinaugura-se a arquitetura para nossa percepção e envolvimento.

// **Júlio Martins, 2014** - exposição ÁREA DE, realizada na Galeria de Arte GTO, do Sesc Palladium